

DESCODIFICADOR

Quem vai ser libertado das prisões?

Governo quer evitar o contágio do novo coronavírus nos estabelecimentos prisionais como já aconteceu noutros países e avançou com medidas que permitem a libertação de 1200 presos Por **HUGO FRANCO**

1. Que reclusos vão ser abrangidos pelas novas medidas do Governo?

Serão libertados os presos que cumpram penas de prisão de duração igual ou inferior a dois anos. E também aqueles a quem falte cumprir até dois anos. A ministra da Justiça, Francisca Van Dunem, também irá propor ao Presidente da República indultos, totais ou parciais, da pena de prisão dos reclusos que tenham 65 ou mais anos de idade e sejam portadores de doença, física ou psíquica, ou de um grau de autonomia incompatível com a permanência numa prisão, no contexto desta pandemia. Vai haver ainda um regime extraordinário de licença de saída administrativa de reclusos condenados e também a antecipação extraordinária da colocação em liberdade condicional.

2. Quantos presos podem vir a ser libertados?

A população prisional é de 12.720 mil pessoas — 800 têm mais de 60 anos — e está dispersa por 49 cadeias. A ministra da Justiça admite que esta medida aprovada em Conselho de Ministros para vigorar em estado de emergência possa libertar até 1200 reclusos (cerca de 10% do total). Mas atenção: o perdão é concedido na condição de o recluso não praticar nenhuma outra ilegalidade ao longo do próximo ano. Se o fizer, voltará a ser preso, acrescentando-se ao resto da pena que tinha ficado por cumprir o novo castigo. Nenhum recluso abrangido pela medida é obrigado a deixar o estabelecimento prisional. A saída tem de ser voluntária.

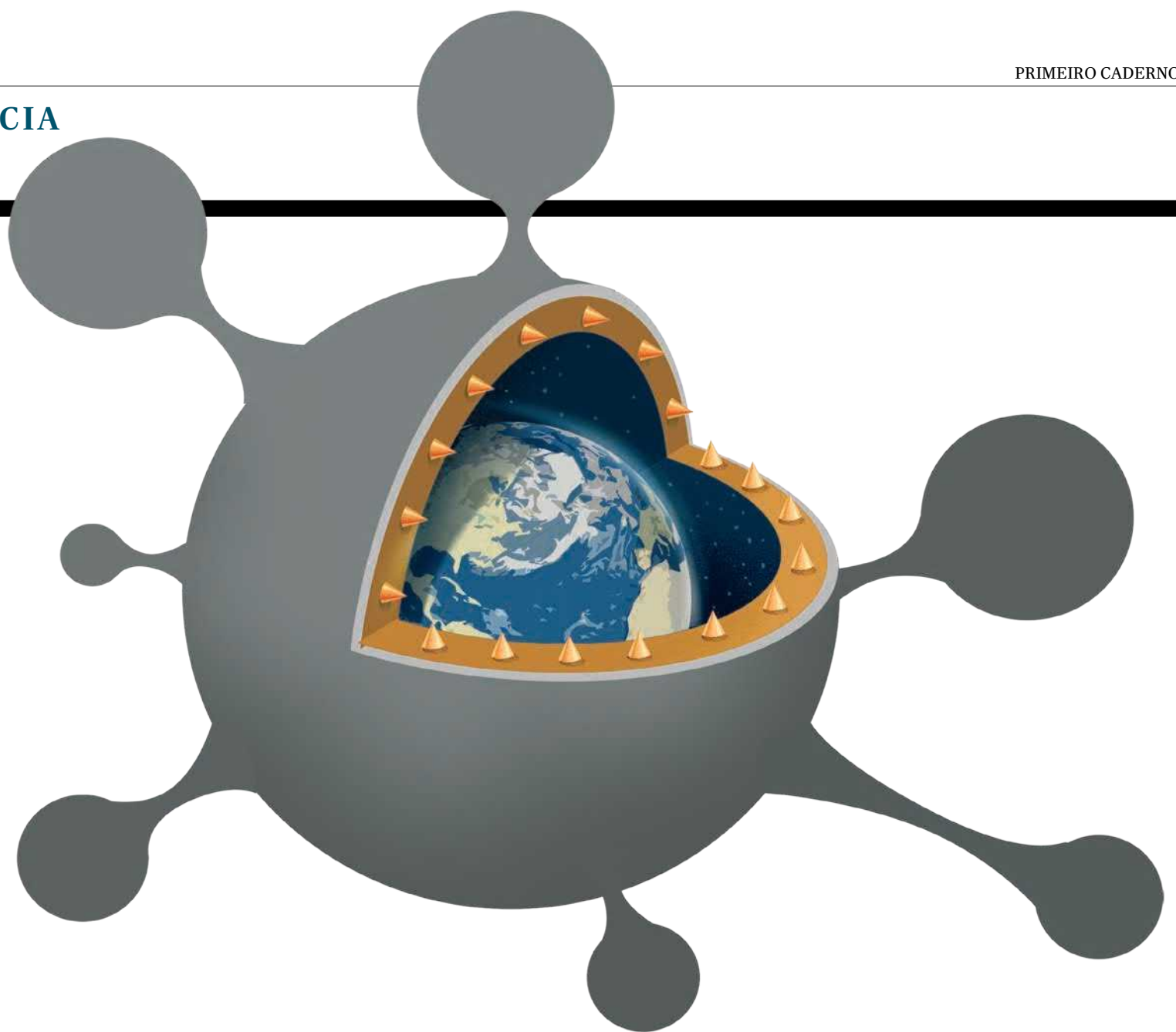
3. Quem cumpre pena por crimes violentos também pode ser solto?

Não. O Governo determinou expressamente que não são abrangidos pelo perdão quem cumpre uma pena por crimes mais graves, nomeadamente, homicídio, violência doméstica, maus-tratos, crimes contra a liberdade sexual e autodeterminação sexual, roubo qualificado, associação criminosa, corrupção, branqueamento de capitais, incêndio e tráfico de estupefacientes (excetuado o tráfico de menor gravidade). Também não são libertados os reclusos que cometeram crimes enquanto desempenhavam cargos políticos, policiais ou funcionários e guardas prisionais, no exercício das suas funções.

4. Como reagiram as guardas prisionais a estas medidas?

O presidente do principal sindicato dos guardas prisionais, Jorge Alves, aponta alguns aspetos positivos às novidades do Governo. Como a redução do número de presos, a aproximação à média europeia da taxa de reclusos face à população e a possibilidade de uma melhor gestão de quem fica nas cadeias. Mas também destaca pontos negativos. “A necessidade de transferência de reclusos de umas prisões para as outras para equilibrar o sistema e diminuir a sobrelotação de algumas” e ainda “o problema de colocar pessoas em liberdade sem emprego e sem acompanhante numa altura que se prevê de enorme crise e desemprego”.

CIÊNCIA



Texto **MICAEL PEREIRA**
Ilustração **HELDER OLIVEIRA**

1. Ausência de olfato e paladar representa uma probabilidade grande de estar doente com covid-19

As conclusões são preliminares e ainda muito recentes. Investigadores do King's College de Londres estão a trabalhar com 1,5 milhões de utilizadores britânicos de uma aplicação para telemóvel, a Covid Symptom Tracker, em que os voluntários vão reportando os seus próprios sintomas ao longo do tempo. Os dados iniciais, com base em informações prestadas entre 24 e 29 de março por 400 mil pessoas — foram já de si reveladores. Dos utilizadores que responderam, 1702 tinham feito o teste da covid-19. Desses, 579 estavam positivos e 1123 negativos. Nos casos que deram positivo, 59% dos doentes tinham reportado que perderam o olfato e o paladar. O coordenador da investigação explicou que “quando combinadas com outros sintomas, as pessoas com perda de olfato e de paladar parecem ter três vezes mais probabilidades de ter contraído covid-19”. A equipa concluiu que, a confirmar-se essa taxa de probabilidade, 50 mil das 400 mil pessoas que relataram os seus sintomas através da aplicação deverão estar infetadas.

2. Há indicações cada vez mais fortes para uso generalizado de máscara na população

A posição até agora assumida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) é para que o uso de máscara seja limitado aos médicos, enfermeiros e aos próprios doentes da covid-19, deixando de fora a população em geral. Mas os sinais em sentido contrário vão sendo reforçados. Há uma semana a prestigiada revista americana “Science” publicou uma entrevista com George Gao, diretor-geral do Centro Chinês de Controlo e Prevenção de Doenças, que integrou a primeira equipa que isolou e fez a sequência do coronavírus. Nessa entrevista, Gao disse: “O grande erro nos EUA e na Europa, na minha opinião, é que as pessoas não estão a usar máscaras. Este vírus é transmitido por gotículas e por contacto próximo. As gotículas desempenham um papel muito importante — temos de usar máscara, porque quando falamos há sempre gotículas a sair da boca. Muitas pessoas têm infeções assintomáticas ou pré-sintomáticas. Se essas pessoas usarem máscaras, isso pode impedir que gotículas com vírus escapem e infetem outras pessoas.”

Entretanto, na terça-feira, Robert Redfield, diretor do Centro de Controlo e Prevenção de Doenças norte-americano, admitiu que cerca de 25% das pessoas infetadas podem não apresentar sintomas e, apesar de esta instituição ter defendido até agora o uso de máscaras apenas por pessoas que se sintam doentes, assumiu que essa política “está

a ser revista de forma crítica”. Na quarta-feira, o jornal “The Guardian” dava conta de que a própria OMS, depois de ter recebido informações confidenciais de um novo estudo feito em Hong Kong, está a ponderar mudar a sua recomendação. Na República Checa e na Eslováquia, a máscara já passou a ser obrigatória para toda a gente. São os únicos países europeus onde isso acontece.

3. Está em aberto a hipótese de o vírus poder ser transmitido pelo ar, por partículas muito mais pequenas do que as gotículas

A versão oficial é que alguém infetado com SARS-CoV-2 só contagia outra pessoa se tossir ou espirrar. As gotículas que resultam daí são projetadas no ar e inspiradas ou então vão parar a uma superfície, com a sequência que já se sabe: depois a superfície pode ser tocada por quem levar inadvertidamente a mão suja à boca, ao nariz ou aos olhos. Mas... será só isso? Quinta-feira, a revista científica “Nature” revelava que os cientistas estão divididos sobre até que ponto o vírus não será transmitido pelo ar — ou seja, não apenas em gotículas, mas em partículas muito mais pequenas (abaixo dos cinco micrómetros de diâmetro, isto é, mais do 200 vezes menores do que um milímetro) e capazes de viajar mais longe. Essas micropartículas são conhecidas como aerossóis.

Embora ressalve que a própria OMS disse na semana passada não haver provas de que o vírus seja transmitido pelo ar, a “Nature” conta que existem

indícios que apontam para essa hipótese. Em Wuhan, na China, onde os contágios começaram, foram recolhidos aerossóis em hospitais e lojas em que as análises mostraram a presença da sequência de ácido ribonucleico (RNA) do vírus. Os estudos preliminares, contudo, não foram capazes de determinar se esses aerossóis foram capazes de infetar pessoas. Pode demorar anos até se esclarecer esse mistério. Qual é o perigo, se isto for verdade? Pode bastar falar e respirar para infetar.

4. Doentes graves podem desenvolver problemas neurológicos, incluindo perda de fala

Têm vindo a surgir casos em que são observados sintomas neurológicos entre os doentes graves com covid-19. No início de março, na Florida, além de apresentar falta de ar, um paciente de 74 anos perdeu a fala. Os médicos acabaram por diagnosticar-lhe covid-19. E já esta semana, em Detroit, uma mulher que testou positivo apresentava um quadro de confusão mental, acabando por lhe ser diagnosticada uma inflamação do cérebro, embora esteja ainda por provar que a causa tenha sido o coronavírus.

O diretor do centro de controlo de doenças dos EUA disse na terça-feira que 25% dos infetados podem ser assintomáticos

Um estudo publicado pelo “British Medical Journal”, a 26 de março, revela como os exames clínicos de 113 pacientes que morreram por causa do coronavírus em Wuhan mostraram distúrbios de consciência em 25 dos casos (22%). Já entre 161 que recuperaram, o mesmo foi verificado apenas num único caso.

5. Os gatos podem ser infetados e correm mais riscos do que os cães

Um estudo conduzido na China sobre a transmissão do SARS-CoV-2 a várias espécies de animais revelou que os gatos podem ser infetados e podem transmitir o vírus a outros gatos, mas não ficam doentes. Os investigadores introduziram amostras do vírus, através do nariz, em cinco gatos. Mais tarde descobriram a presença de ácido ribonucleico (RNA) viral no sistema respiratório dessas cobaias. Os gatos foram depois colocados em jaulas com outros três não infetados e, destes, apenas um contraiu o vírus, sendo que nenhum apresentou sintomas.

Testes similares feitos com cinco cães mostraram que estes são menos suscetíveis de contrair a doença. Embora todos tenham sido inoculados, nenhum ficou infetado com o vírus. O mesmo aconteceu com porcos, galinhas e patos. Até agora, existem três situações reportadas (um gato na Bélgica, dois cães em Hong Kong) em que animais de estimação foram infetados por humanos.

6. Vacina BCG começou a ser testada como reforço do sistema imunitário contra a covid-19

Foi inventada há 100 anos para prevenir a tuberculose, mas a BCG (Bacillus Calmette-Guerin) pode agora ganhar uma nova vida. A vacina começou a ser testada por investigadores na Austrália e na Europa como uma forma de reforçar as defesas e reduzir os problemas respiratórios provocados pela covid-19. Um estudo realizado por dois investigadores dinamarqueses na Guiné-Bissau concluiu que a BCG foi capaz de baixar em 50% a taxa de mortalidade em crianças, demonstrando que o seu efeito protetor vai muito para lá da tuberculose. Os ensaios clínicos estão concentrados em duas populações-alvo, de maior risco: idosos e profissionais de saúde. Apesar de os testes já terem começado, vai demorar meses até que se saiba se a BCG é de facto eficaz no combate ao coronavírus.

“A BCG já é usada no tratamento do cancro da bexiga, numa fase específica da evolução do tumor. Já muito foi estudado sobre como a BCG alarma o sistema imunitário e o ‘reprograma’ para um padrão de resposta diferente”, explica ao Expresso Markus Maeurer, clínico imunologista da Fundação Champalimaud. Entre outras funções, a BCG serve para “ativar” certos conjuntos de células imunológicas que podem ser benéficas no combate contra infeções — “talvez também do SARS-CoV-2”.

mrpereira@expresso.imprensa.pt

CIÊNCIA EM PORTUGUÊS

Investigadores portugueses desenvolvem testes de imunidade

Saber quantas pessoas já ganharam imunidade ao novo coronavírus é o próximo passo

ISABEL LEIRIA

Tão importante como saber se alguém está infetado com o novo coronavírus é perceber quantas pessoas de um determinado grupo, região ou país já tiveram contacto com o SARS-CoV-2 e ganharam imunidade. Uma vez que muitos acabam por não desenvolver qualquer sinal da doença, os testes de deteção de anticorpos, que se formam após a infeção, são a única forma de saber quem está imune, ou seja quem pode passar incólume ou quase se tiver novo contacto com o vírus e não infetar terceiros. O controlo de riscos e o regresso à normalidade dependem muito desta variável. E é nesta vertente que centros de investigação portugueses já estão a trabalhar.

É o caso do Instituto de Medicina Molecular (IMM) da Universidade de Lisboa, do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) e do Instituto de Biologia Experimental e Tecnológica (iBET) que estão a desenvolver em conjunto testes serológicos que

permitam precisamente avaliar a imunidade da população. Se a investigação avançar ao ritmo esperado, sem contratempos, é possível que dentro de “duas a três semanas tenhamos as provas de conceito, isto é um modelo que nos permita dizer com segurança que funciona e que permite tirar conclusões para este fim específico, e a partir daí começar a produzir em massa”, antecipa a diretora do IMM, Maria Manuel Mota.

Estes testes são determinantes no presente e no futuro próximo, explica Vanessa Luís, coordenadora do projeto de testes de diagnóstico que foram também criados pelo IMM e que começaram a ser usados esta semana em lares. “Num plano mais imediato é necessário saber, por exemplo, quais os profissionais de saúde já contactaram com o vírus e que estão imunes. Estes poderão estar na linha da frente com menor risco”, explica. Além disso, acrescenta a investigadora, será também importante perceber em que momento se atinge a chamada imunidade de grupo.

Uma população fica imune quando o número de indivíduos nunca antes infetados é tão reduzido que se torna difícil ao vírus encontrar um novo hospedeiro e que este seja, por sua vez, capaz de encontrar outra pessoa não imune a quem transmitir. Os epidemiologistas consideram que é preciso que 70% da população tenha estado infetada para haver esta imunidade de grupo. Era o que acontecia em Portugal antes de ser criada a vacina contra o sarampo, com quase toda a população a já ter tido contacto com o vírus.

Testar milhares de pessoas

Agora, perante um vírus novo, é preciso construir essa imunidade. Enquanto não houver uma vacina eficaz, será a única forma de evitar a ocorrência de nova epidemia. “As pandemias ocorrem quando um novo vírus é introduzido na população humana por outra espécie animal. Por se tratar de um novo vírus, a população humana carece de memória imunológica, oferecendo oportunidade para ampla disseminação. À medida

que a infeção pelo vírus se espalha, a imunidade populacional é construída e a taxa de infeção diminui. Atingir a imunidade populacional é a meta”, reforça Maria Manuel Mota.

É a combinação destes dois despistes — disseminação do vírus e imunidade na população — que vai permitir perceber a eficácia das estratégias de mitigação da pandemia e o

Na Islândia, cerca de metade das pessoas que testaram positivo para a covid-19 não tinham sintomas da doença

regresso ao trabalho, à vida social e familiar de forma segura, esclarece ainda.

A parte mais importante dos testes serológicos é garantir que conseguem detetar anticorpos contra este vírus específico e não outros coronavírus que circulam na população, explica ainda a investigadora do IMM. No caso desta parceria, o iBET vai produzir proteínas do SARS-CoV-2

em grandes quantidades para ser possível depois aplicar os testes produzidos pelo IMM. E que terão de ser aplicados a uma amostra da população na ordem dos milhares de pessoas, para permitir fazer extrapolações.

O Centro de Estudos de Doenças Crónicas (Cedoc), da Universidade Nova de Lisboa, está também a tentar desenvolver testes serológicos. E tanto o Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge como a Direção-Geral da Saúde estão a preparar-se para esta fase.

Lá fora, são vários os países que estão a tentar validar este tipo de análises, que dariam depois direito a uma espécie de “certificado de imunidade” que permitirá aliviar as restrições de trabalho e de circulação. É o caso da Alemanha, que pretende avançar já este mês com dezenas de milhares de testes, que implicam analisar uma pequena amostra de sangue.

Mas é o caso da Holanda que está a ser seguido com mais atenção pelo IMM, indica Maria Manuel Mota. “Estamos a utilizar a mesma ferramenta. Depois há a decisão política de

decidir por onde se começa”. Para a diretora do IGC, Mónica Bettencourt-Dias, não há muitas dúvidas: “O pessoal médico já deveria estar a fazer estes testes para perceber quem está e quem não está imune.”

Dados recolhidos na Islândia, que avançou com testes de diagnóstico em massa, permitiram concluir que metade dos que testaram positivo não tinham sintomas, noticiou esta semana a “Economist”.

Mais diagnósticos

Para já, o que está em curso são os testes de diagnóstico, que também começaram a ser feitos esta semana pelo IMM e que foram desenvolvidos por este instituto. Além dos 10 mil que preveem realizar num mês e meio junto da população dos lares, outras unidades já estão a ajudar neste esforço (é o caso do Centro de Investigação em Biomedicina da Universidade do Algarve) e muitos outros se seguirão (ver texto em baixo). O Instituto de Inovação e Investigação em Saúde (I3S), consórcio liderado pela Uni-

Covid mobiliza empresas e cientistas de todas as áreas

Por todo o país sucedem-se ações para ajudar quem luta contra o vírus. Nunca o empenho e a partilha foram tão grandes

Engenheiros aeroespaciais a produzir pela primeira vez em Portugal ventiladores invasivos, físicos a desenvolver sistemas de triagem de doentes, empresas têxteis a confeccionar máscaras e equipamentos de proteção em vez de roupas do dia a dia, faculdades e escolas a produzir litros de gel desinfetante e centenas de viseiras para os hospitais, laboratórios de universidades e politécnicos inteiramente dedicados a testes de deteção do SARS-CoV-2, imunologistas a estudarem virologia e muitas, muitas doações.

No último mês, foram milhares os profissionais que reorientaram a sua atividade produtiva e científica em direção a uma causa comum: lutar contra a pandemia que também atingiu Portugal.

“Nunca ninguém tinha assistido a uma mobilização assim. E é muito importante não só do ponto de vista da utilização da nossa capacidade instalada como na dinamização de novas áreas de conhecimento e produção de que, constatamos agora, estamos totalmente dependentes do estrangeiro e da China em particular. Não só Portugal como toda a Europa”, sublinha o ministro da Ciência e Ensino Superior.

Maria Manuel Mota, diretora do Instituto de Medicina Mole-

cular (IMM) da Universidade de Lisboa, especializada em imunologia, foi uma das investigadoras que reajustou o seu trabalho. “Nunca fui treinada para saber de vírus. Mas o treino científico ajuda-nos a resolver problemas. Quando percebi que o país ia ter um problema de capacidade de realização de testes, achei que conseguíamos arranjar uma solução, até porque tínhamos os equipamentos necessários”, conta.

“Queremos todos ajudar”

Em 16 dias, coordenando a equipa a partir de casa, a investigadora conseguiu que o IMM criasse testes de diagnóstico recorrendo a reagentes elaborados em Portugal (eliminando a dependência do mercado internacional), produziu um documento de 90 páginas com todos os passos a dar e que foi partilhado com outras instituições que podem fazer o mesmo trabalho. Hoje, de norte a sul do país, centros de investigação, faculdades e politécnicos têm já capacidade



Maria Manuel Mota dirige o Instituto de Medicina Molecular FOTO INÊS S. ALBUQUERQUE

ou estão em vias de contribuir com os seus laboratórios para o esforço de analisar um total esperado de 40 mil testes em utentes de lares, explica Manuel Heitor.

A dedicação e a generosidade das equipas estendeu-se a outros setores da sociedade. “No início, os investigadores que trabalhavam no instituto não podiam ter acesso nem a uma

bolacha. Não havia uma cafetaria, nem a máquina de venda automática podia funcionar. Agora já temos um serviço de catering, graças a um patrocínio”, conta Maria Manuel Mota.



Os cientistas estão a tentar desenvolver um teste que permita saber quem já ganhou imunidade ao vírus
FOTO TIAGO MIRANDA

Novo fármaco pode chegar no outono

Farmacêutica portuguesa Hovione participa na descoberta de molécula inédita para tratar doentes com covid-19

É com notória preocupação que Guy Villax, administrador delegado da farmacêutica portuguesa Hovione, fala da pandemia de covid-19: “É o maior desafio das nossas vidas. Vamos ter mortos, destruição de empresas e de emprego e vamos sair disto muito mais pobres.”

A empresa química, especializada em produtos farmacêuticos, participa no desenvolvimento de tratamentos para a doença, em conjunto com outros parceiros. “Talvez no outono” já esteja disponível uma nova molécula, para a qual a Hovione contribuiu ao nível da “produção de um componente chave”. O medicamento está na fase III de avaliação clínica (é a última antes da aprovação) e os ensaios em doentes infetados estão a ser feitos na China, EUA e União Europeia. Tudo depende do sucesso desta etapa e da obtenção de luz verde das autoridades reguladoras, que podem também agilizar os procedimentos para a entrada do fármaco no mercado.

versidade do Porto, seguiu o protocolo de testes do IMM e espera começar na próxima semana a contribuir com 150 a 300 por dia, com um possível aumento até 500, revela o diretor, Cláudio Sunkel. Além disso, estão a produzir os meios onde são depositados e preservados até análise as colheitas das zaragatoas feitas a casos suspeitos.

O IGC terá capacidade para realizar 300 testes de diagnóstico por dia, além de dar outros contributos para o combate à pandemia. Um deles tem a ver com a investigação do comportamento do vírus — como é que a sua genética vai evoluindo ao longo do tempo — e também do hospedeiro. “Temos pessoas infetadas que são assintomáticas e outras que desenvolvem uma doença fulminante e morrem. É preciso perceber o que há de especial nestas pessoas, o que é que difere no seu genoma, na resposta do seu sistema imunitário e até especificidades locais”, explica a diretora do IGC.

com RAQUEL ALBUQUERQUE
ileiria@expresso.imprensa.pt

No Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (I3S) viveu-se o drama do novo coronavírus por dentro, com dois investigadores a testarem positivo logo ao início. “Foi preciso fazermos todos quarentena, esperar que não surgisse mais nenhum caso e só depois voltar ao trabalho. Toda a investigação foi parada e reorientada para os testes”, diz o diretor, Cláudio Sunkel. “Temos cerca de 40 pessoas a fazer testes de diagnóstico, a trabalhar por turnos. É um trabalho de muito detalhe, moroso, em que não pode haver um erro.”

No Instituto Gulbenkian de Ciência são cerca de uma centena os investigadores que se dedicam a estudar o novo coronavírus. “Fomos treinados para intervir, e é isso que estamos a fazer. Queremos todos ajudar. Mas esta é também uma união motivada pela necessidade. Outras pandemias tiveram efeitos mais localizados. A grande diferença é que esta toca a todos”, lembra a diretora, Mónica Bettencourt-Dias. I.L.

Fundada há 61 anos em Portugal pelos pais de Guy Villax, a Hovione está em 10% dos cerca de 40 fármacos que a autoridade norte-americana do medicamento aprova por ano, o que a faz um aliado natural dos projetos relacionados com a covid-19. Além disso, sem nunca ter produzido gel desinfetante para as mãos, o laboratório, em pouco tempo, fabricou e já doou 80 mil litros deste produto, nomeadamente a hospitais — com a ajuda da Medinfar, da Logoplaste e dos CTT.

Para Guy Villax é fundamental que se façam “muitos testes (cem mil por mês) para saber quem está infetado e deve ficar em quarentena e quem está imune e pode trabalhar com mais à vontade”. “O Governo tem de entender isto”, até porque só haverá tratamentos suficientes se reduzirmos o número de infeções.

ANA SOFIA SANTOS
assantos@expresso.imprensa.pt



Viagem ao fundo do copo

Ao contrário do que dizem as regras de isolamento social, há produtos que quanto mais próximos, melhor

Qual é a relação entre uma garrafa de plástico de refrigerante e um campo de futebol? O relatório publicado esta semana pela ONG Tearfund estabelece uma, e não é animadora: quatro grandes marcas de refrigerantes são responsáveis por mais de

meio milhão de toneladas de poluição plástica em seis países, escolhidos pela deficiente gestão de resíduos. O valor seria suficiente para encher 83 campos de futebol. Todos os dias.

Que o plástico é um dos desafios ambientais do momento não é surpresa. Mas a conclusão de que a queima de embalagens plásticas de apenas quatro marcas — Coca-Cola, PepsiCo, Nestlé e Unilever — em apenas seis países — Brasil, China, Filipinas, Índia, Nigéria e México — cria 4,6 milhões de toneladas de equivalente a dióxido de carbono, e de que isso é o mesmo que as emissões de dois milhões de carros, dá uma imagem do estrago. E confirma um inimigo comum: não o plástico *per se*, mas o plástico de utilização única.

Em resposta, as quatro empresas garantiram ter planos para tornar reciclável a maioria das embalagens no mercado, se não todas. Os projetos são a, pelo menos, cinco anos. Até lá, a redução da pegada está nas mãos de estados, sistemas de gestão de resíduos e consumidores.

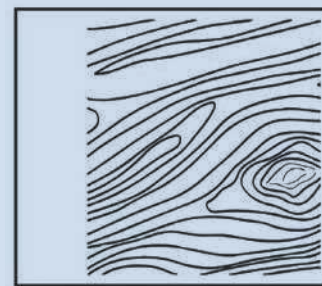
O relatório deu origem a comentários espirituosos, como o que diz que o melhor é optar pela cerveja, nunca servida em plástico. Acontece que a embalagem é só uma das dimensões a ter em conta. Mike Berners-Lee, especialista no cálculo da pegada carbónica de produtos e objetos, escreveu que a cerveja pode aumentar tanto a pegada quanto aumenta a cintura. Depende da escolha. “Algumas garrafas de cerveja importada por dia podem acrescentar até uma tonelada de CO₂ e por ano — o equivalente a cerca de 50 mil chávenas de chá preto.” O autor é britânico, o

que significa que o padrão é uma *pint* (meio litro), menos comum em Portugal.

O tamanho conta, mas não é o mais importante. Berners-Lee é também autor do livro “How Bad Are Bananas? The Carbon Footprint of Everything” [“Quão más são as bananas? A pegada carbónica de tudo”] e contabiliza uma redução de dois terços das emissões quando a cerveja é produzida localmente. Por ser um produto pesado, o transporte de cerveja pode contar tanto quanto toda a cadeia de produção. Sendo que é preciso estar atento: o autor exemplifica com uma cervejeira perto do local onde vive que, por ser de grande escala, centraliza a distribuição a centenas de quilómetros. Ou seja, mesmo o bar ao fundo da rua é abastecido por um centro com sede noutra cidade.

É mais uma regra de ouro, que quiçá ganhará força após a pandemia da covid-19: o dano é sempre menor quanto mais perto estiver dos produtos que vai consumir.

JOÃO DIAGO CORREIA
jdcorreia@expresso.imprensa.pt



VIDASUSTENTÁVEL

Nada muda se não mudarmos



PUB

A CULTURA PRECISA DO APOIO SOLIDÁRIO DO PODER LOCAL

Neste alarmante contexto de crise causada pela pandemia, a Sociedade Portuguesa de Autores e os seus mais de 26.000 associados têm a noção exacta da importância que as autarquias representam na relação com a criação, a produção, a diversidade artística ou a promoção cultural

Uma parte significativa dos problemas com que os autores e artistas hoje se defrontam tem na origem o cancelamento de contratos e o adiamento de eventos e compromissos. Os 308 municípios, as centenas de juntas de freguesia e outras entidades promotoras na esfera local, são hoje empregadores sem os quais a cultura pode entrar em colapso e a sua programação nos próximos meses e anos poderá tornar-se insustentável.

Assim, na linha do plano de acção do Ministério da Cultura neste grave contexto de crise, os autores abaixo assinados simbolicamente em nome da comunidade autoral, apelam ao poder local no sentido de que mantenha a validade dos compromissos celebrados e de que, sem privar os artistas e autores da sua justa remuneração, assegure a sustentabilidade financeira do seu trabalho.

Apelamos a que todos os contratos estabelecidos e que foram adiados devido à COVID-19 sejam mantidos e que, sem prejuízo do seu reagendamento, as autarquias locais procedam ao pagamento urgente aos autores e artistas de 30% no caso de adiantamentos, e de 50% no caso de cancelamentos, dos respectivos valores em eventos a realizar e já contractualizados.

As autarquias locais sabem que contaram muito activamente com os autores e artistas sempre que foi necessário e estes agora contam com as autarquias no gravíssimo momento que vivem e não se esquecerão da solidariedade que receberem. Assim, conseguiremos regressar à normalidade desejada.

Tanto as autarquias portuguesas como os criadores culturais e os artistas sabem que o trabalho desenvolvido ao longo de décadas neste domínio tem contribuído expressivamente para o desenvolvimento económico do país e para o fortalecimento da sua identidade local e regional.

A cultura tem ajudado a criar emprego, a aumentar a atractividade internacional e a coesão nacional, e também a fazer convergir as estruturas políticas locais com a visão dinâmica de algum sector empresarial. Muito do que foi feito tem a marca distintiva e de excelência da cultura, intenso factor da própria identidade europeia.

As autarquias nacionais na sua riqueza e diversidade não podem deixar de corresponder ao apelo que por esta via lhes endereçamos, convictos de que a aceitação desta proposta, que é convergente com as preocupações centrais do próprio Ministério da Cultura, permitirá ao sector da Cultura, numa fase crítica de incerteza e privação, enfrentar os anseios e as carências mais alarmantes. Afectar a sustentabilidade financeira, da vida cultural é empobrecer a democracia, a cidadania e a capacidade de realização de amplos sectores da população.

A Sociedade Portuguesa de Autores e os seus milhares de associados contam com o Poder Local como ele sempre tem contado com quem faz da cultura um pilar essencial da nossa vida colectiva. Contamos convosco.

Adélio Amaro
Alexandre Carvalho
Alice Vieira
Amélia Muge
Américo Brás Carlos
Ana Zanatti
André Letria
André Sardet
António Avelar Pinho
António Casimiro
António Côrte-Real
António Eustácio
António José Dias Martins
António Lagarto
António Manuel Ribeiro
António Pinto Basto
António Victorino d'Almeida
Armando Teixeira
Artur Coimbra
Bruno Niel
Capicua
Carlos Alberto Moniz
Carlos Guerreiro
Carlos Martins
Carlos Mendes
Carlos Nobre (Carlão)
Carlos Tê
Catarina Amaro
Catarina Molder
Cuca Roseta
David Fonseca
Diogo Clemente
Diogo Infante
Duarte Coxo
Emanuel

Fábia Rebordão
Fernanda Lapa
Fernando Cunha
Fernando Tordo
Filipe Raposo
Francis Mann
Francisco Madelino
Fred (Orelha Negra)
Gil do Carmo
Gimba
Gonçalo M. Tavares
Graça Morais
Hélder Bruno Martins
Hélder Moutinho
Inácio Ludgero
Isabel Medina
Janita Salomé
João Afonso
João David Nunes
João Gesta
João Govern
João Grande
João Habitualmente
João Lourenço
João Malheiro
João Só
Jorge Fernando
Jorge Paixão da Costa
Jorge Palma
Jorge Romão
José Cabeleira
José Cid
José da Câmara
José Fanha
José Jorge Letria

José Manuel Bicho
JP Simões
Júlio Pereira
Lauro António
Leonor Xavier
Luís Represas
Luís Sampaio
Mafalda Veiga
Manuel Paulo
Margarida Gil
Mário Vieira de Carvalho
Mário Vitória
Michales Loukovikas
Miguel Ângelo
Miguel Araújo
Nuno Carinhas
Nuno Corte Real
Nuno Nazareth Fernandes
Olavo Billac
Paulo Condessa
Paulo de Carvalho
Paulo Filipe Monteiro
Paulo Furtado (Tigerman)
Paulo Sérgio Santos
Pedro Abrunhosa
Pedro Calapez
Pedro Caldeira Cabral
Pedro Camilo
Pedro Campos
Pedro da Silva Martins
Pedro de Almeida
Pedro de Castro
Pedro Galhoz
Pedro Jória

Pedro Teixeira (Corvos)
Renato Júnior
Rita Redshoes
Rodrigo Leão
Rui Massena
Rui Reininho
Rui Rocha
Rui Vieira Nery
Rui Zink
Samuel Quedas
Samuel Úria
Sebastião Antunes
Teresa Gomes e
Rodrigo Dominguez (em representação da A.E.O.M. — Associação de Editores de Obras Musicais)
Teresa Muge
Tiago Novo (Expensive Soul)
Tiago Torres da Silva
Tim
Tó Trips (Dead Combo)
Tóli César Machado (GNR)
Tomás Wallenstein
TóZé Brito
Tozé Morais
Valdjiu (Blasted Mechanism)
Vera San Payo de Lemos
Vitorino Salomé

SPAUTORES
SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES